



Rivalidade na Ásia

Candidato crítico à China vence eleição para presidente de Taiwan

— Lai Ching-te terá pela frente o desafio de governar sem maioria legislativa e de suportar a crescente pressão militar, diplomática e econômica do governo chinês

TAIPE

Lai Ching-te foi eleito ontem presidente de Taiwan e governará a ilha pelos próximos quatro anos. Há muito tempo, ele vem sendo vilanizado pelo Partido Comunista da China, considerado um inimigo perigoso que pode arrastar os dois lados para uma guerra ao defender a independência taiwanesa.

Apesar das ameaças de Pequim, que enquadrava a disputa como uma escolha entre “guerra ou paz”, Lai foi eleito com 40% dos votos, dando ao Partido Democrático Progressista (PDP) o terceiro mandato consecutivo — nenhum grupo político havia conseguido mais de dois mandatos seguidos desde que Taiwan começou a realizar eleições presidenciais, em 1996.

Após o encerramento da votação, apoiadores de Lai se reuniram diante da sede do PDP em Taipé. Muitos agitavam bandeiras rosas e verdes. A apuração foi transmitida por um telão. Eles aplaudiam sempre que a distância para seus concorrentes aumentava.

Dirigindo-se aos seus eleitores, Lai pediu união e prometeu defender a identidade de Taiwan. “Entre a democracia e o autoritarismo, escolhemos ficar do lado da democracia”, disse o presidente eleito. “É isso que esta campanha eleitoral significa para o mundo.”

O comparecimento foi alto, de 72%. Em algumas seções, as filas começaram a se formar antes mesmo do início da votação. Muitos eleitores de Lai demonstravam esperança de que ele protegeria a soberania de Taiwan. “Votei em Lai porque ele é capaz de lidar com a China com sabedoria”, disse Hsu Yeh-suan, de 28 anos, gerente de produtos em uma empresa de tecnologia. “Ele tem experiência e não provocará a China.”

OBSTÁCULOS. A partir de agora, para Lai, vem a parte mais difícil: governar Taiwan em um momento perigoso. Ele enfrentará uma série de desafios quando assumir a presidência, em maio. Ele terá pela frente um cenário político interno mais hostil do que teve a atual presidente, Tsai Ing-wen, nos últimos oito anos, já que o PDP perdeu sua maioria parlamen-



Lai Ching-te (E), presidente eleito de Taiwan, ao lado da vice, Hsiao Bi-khim, celebram vitória em Taipé: desafio de conter pressão chinesa

“Internamente, não haverá período de lua de mel. Externamente, ele deve enfrentar uma pressão mais agressiva da China”

Jason Hsu
Analista da Harvard Kennedy School

tar e terá mais dificuldade de impor sua agenda.

“Internamente, não haverá nenhum período de lua de mel para ele”, disse Jason Hsu, ex-deputado taiwanês e analista da Harvard Kennedy School. “Externamente, é provável que ele enfrente uma pressão e um comportamento mais agressivo da China, tanto militar quanto economicamente.”

O Escritório para Assuntos de Taiwan mantido pela China disse ontem que o resultado da eleição não pode mudar o rumo das relações entre os dois lados do estreito, assegurando que a dinâmica de tensão continuará nos próximos

anos. “O PDP não representa a opinião dominante na ilha”, disse o órgão, que prometeu se aproximar de outros partidos taiwaneses.

PRAGMATISMO. Lai não é o tipo de político incendiário e imprudente que Pequim descreve, de acordo com aliados e especialistas. Uma guerra, portanto, não é iminente nem inevitável. O presidente eleito fez campanha com a promessa de dar continuidade ao governo atual, que reforçou as defesas militares e aprofundou as relações com os EUA, evitando, ao mesmo tempo, uma ruptura total com a China.

O secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, felicitou Lai pela vitória de ontem e disse que o governo americano esperava trabalhar com ele. “Também parabenizamos o povo de Taiwan por, mais uma vez, demonstrar a força de seu robusto sistema democrático”, disse.

Especialistas acreditam que, nos próximos meses, Pequim pode pressionar o novo presidente por meio de restrições comerciais, tentando afastar os poucos aliados diplomáticos remanescentes de Taiwan ou por meio de exercícios militares.

“Mesmo que Lai mantenha a linha de Tsai Ing-wen, isso não mudará o pensamento de Xi Jinping de tentar resolver o problema de Taiwan o mais rápido possível”, disse Kuo Yu-jen, professor de ciências políticas da Universidade Nacional Sun Yat-sen, em Taiwan. “A intensidade da pressão será maior do que a dos oito anos anteriores.”

Diplomacia
Pequim deve pressionar o novo presidente por meio de restrições comerciais e exercícios militares

No entanto, Taiwan também enfrenta um período de incertezas em suas relações com os EUA, que prometeram continuar apoiando a ilha, inclusive com a venda de armas, apesar da pressão da China. O governo americano está sobrecarregado com guerras na Ucrânia e no Oriente Médio. Além disso, a eleição presidencial dos EUA, em novembro, pode ser desastrosa para Taiwan, caso aconteça uma troca de guarda na Casa Branca.

Lai também terá de escapar de armadilhas internas. Os dois principais rivais do PDP obtiveram uma parcela considerável dos votos, fato que pode enfraquecer sua autoridade. Hou Yu-ih, do Partido Nacionalista, ficou em segundo lugar, com 33,4%, e Ko Wen-je, do Partido Popular de Taiwan (PPT) teve 26,4%.

CENÁRIO. Após o resultado, Lai disse que entraria em contato com os partidos de oposição para obter ideias sobre como lidar com os problemas de Taiwan. “O resultado da eleição mostra que as pessoas esperam um governo capaz, com controle e equilíbrio”, disse. “Entendemos esse novo sentimento e o respeitamos totalmente.”

A China nunca governou Taiwan, mas reivindica a soberania sobre ilha de 23 milhões de habitantes e ameaça assumir o controle à força se Taipé declarar a independência, uma rivalidade que remonta à Revolução Chinesa de 1949. Derrotadas na guerra civil, as tropas nacionalistas fugiram para Taiwan, de onde desde então desafiam a autoridade de Pequim. ● NYT, WP e AP